

A Comunicação nos movimentos sociais: um estudo sobre a Casa Aliança, no Sertão piauiense¹

Evandro Alberto de Sousa²
Universidade Estadual do Piauí, Picos, Piauí

Hosana Tenório dos Anjos³
Universidade Estadual do Piauí, Picos, Piauí

Orlando Maurício de Carvalho Berti⁴
Universidade Estadual do Piauí, Teresina, Piauí; Picos, Piauí

Resumo

A pesquisa é um estudo comunicacional e social sobre a aplicação da oficina Inclusão Digital e Comunicação desenvolvida dentro do movimento social Casa Aliança, instituição localizada em um dos bairros mais carentes da cidade de Picos, região sertaneja do estado do Piauí. Metodologicamente a pesquisa envereda pelo método qualitativo, cujo procedimento abordado é a pesquisa participante, além da pesquisa bibliográfica. Nota-se, após a aplicação da oficina, que o estudo integrado entre comunicação e inclusão digital apresenta-se de suma relevância nos movimentos sociais principalmente para as práticas do desenvolvimento regional e do desenvolvimento local.

Palavras-chave: Comunicação Social; Comunicação Comunitária; Desenvolvimento Regional; Desenvolvimento Local; Sertão do Piauí.

Introdução

Entender a conjuntura de trabalhar a comunicação nos movimentos sociais é o que norteia essa presente pesquisa, tal reverberação acontece através da aplicação da oficina Inclusão Digital e Comunicação, realizado pelo Projeto de Extensão Formação de

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor, pesquisador e extensionista do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo – da UESPI – campus de Picos. É diretor da UESPI do campus de Picos. Faz doutorado em Serviço Social na Universidade Federal de Pernambuco. É mestre em Serviço Social pela mesma universidade. Atua em pesquisas voltadas para a cidadania e fenômenos do Sertão do Piauí. E-mail: evandroalberto@yahoo.com.br

³ Jornalista. Pesquisadora e extensinista. Aluna do curso de Relações Públicas da UESPI de Picos. Bolsista do Projeto de Extensão de Formação de Comunicadores Comunitários e Populares do Sertão do Piauí, veiculado à UESPI de Picos. E-mail: hosanatenorio@hotmail.com

⁴ Professor, pesquisador e extensionista do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo – da UESPI – campus de Teresina – e voluntário no campus de Picos. Faz Pós-Doutorado em Comunicação, Cidadania e Região na Universidade Metodista de São Paulo. É doutor e mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, com estágio doutoral na Universidad de Málaga, Espanha. Atua em pesquisas voltadas para cidadania, desenvolvimento regional e local, a fenômenos do Sertão do Piauí. É vice-presidente da Rede Brasileira de Mídia Cidadã. E-mail: orlandoberti@yahoo.com.br

Comunicadores Comunitários e Populares do Sertão do Piauí. A oficina é desenvolvida na instituição Casa Aliança, localizada em um dos bairros mais carentes da cidade de Picos, Piauí.

Para tanto, faz-se uma reflexão teórica sobre as temáticas de comunidade e pertencimento, uma vez que compreender essas perspectivas é de suma relevância para entender a importância da aplicação de oficinas em órgãos não governamentais. Nesse viés, aborda-se também um estudo sobre o universo digital, bem como a necessidade da valorização de uma educação horizontal.

A motivação para a realização da pesquisa parte da ténue de que a comunicação deve ser pertinentemente estudada e inserida durante o processo educacional, seja formal, seja informal. Todavia acredita-se ser fundamental a junção entre esses dois aspectos citados, para que haja de fato uma transformação real na vida dos indivíduos, principalmente daqueles menos favorecidos. Sobretudo, na condicionante de visualizar “janelas de oportunidades”, de forma a compreender e valorizar o conhecimento individual de cada educando.

Uma das consequências prementes do trabalho é justamente sua vivência para com as questões do desenvolvimento regional e do desenvolvimento local.

1 – Comunidade e pertencimento – desafios para o desenvolvimento

Para compreender as interfaces em que os movimentos sociais atuam, principalmente para suas interfaces para um desenvolvimento regional e um desenvolvimento local, faz-se necessário entender o contexto em que estão inseridas essas instituições.

Nessa premissa é importante destacar a existência de aspectos norteadores, aos quais encontram-se enraizados nesses setores. Onde pode-se proferir a vertente de comunidade e o sentimento de pertencimento como sendo emblemáticos nessa conjuntura.

Para tanto, é pertinente realizar uma reflexão desses dois pontos supracitados. Inicialmente abordando a perspectiva da comunidade, uma vez que a mesma implica mais do que simplesmente uma delimitação territorial, perpassando por uma vinculação entre os indivíduos, bem como seus sentimentos e percepções.

No entanto, é inegável que trata-se de um termo complexo e repleto de configurações conceituais. Temática desafiadora, inclusive na construção teórica contemporânea de uma Comunicação realmente social e lincada com perspectivas de um

desenvolvimento regional e um desenvolvimento local. Mediante a uma acepção de fundamentos que agregam diversos conglomerados sociais parte-se para os conceitos básicos comunitários abordados neste trabalho.

Contudo, nem toda interligação de grupos e aglomerados de indivíduos configura-se como comunidade.

Tomando como fundamento, Cicilia Peruzzo e Marcelo Volpato (2009) destacam essas percepções conceituais sobre comunidade como sendo:

qualquer agrupamento tem sido chamado de comunidade, sejam bairros, vilas, cidades, segmentos religiosos, segmentos sociais, redes de relacionamentos na internet etc. Ultimamente, a formação de grupos e redes on-line facilitada pela Comunicação Mediada por Computadores (CMC) tem contribuído ainda mais para desvios conceituais (PERUZZO; VOLPATO, 2009, p.140).

Nesse sentido, Cicilia Peruzzo (2002) designa concepções que agregam o conceito de comunidade. “Alguns elementos, tais como interação, participação, confluência em torno de interesses, algumas identidades, sentimentos de pertença, caráter cooperativo, são imprescindíveis para que se caracterize comunidade” (PERUZZO, 2002, p.04).

Na primazia entre o crescimento social e a incapacidade do Estado de atender as demandas sociais, a percepção de comunidade enquanto interface de valorização dos anseios comuns dos indivíduos tende-se a sobressair-se.

Como afirma Ciro Marcondes Filho (1992, *apud* DELIBERADOR; LOPES, 2011, p.130): “na comunidade existe uma busca de realização de valores comuns e individuais. É em suma, o espaço da realização da individualidade que a sociedade nivelada e generalizadora renega”.

Nesse mesmo sentido, é o que Rozinaldo Miani (2006) remete como resgate da sociabilidade, na qual “implica em envolver concretamente cada um dos indivíduos na dinâmica própria de um determinado grupo, recuperando sua personalidade e valorizando sua subjetividade no contexto da coletividade” (MIANI, 2006, p.04).

Nessa menção, a partir da vulnerabilidade do Estado, surge a necessidade de alternativas que valorizem a coletividade, a individualidade e a participação, de forma a criar um prisma pela busca de alternativas para o bem comum que vise à transformação social. É nesse ponto que estão intrincados as perspectivas de desenvolvimento (tanto regional quanto local), pois esse desenvolvimento significa a balização da evolução coletiva.

Com isso, pode-se destacar os esforços da pesquisadora Raquel Paiva (2007), ao proferir o conceito de “comunidade gerativa” como sendo: “um conjunto de ações (norteadas pelo propósito do bem comum) passíveis de serem executadas por um grupo e/ou conjunto de cidadãos” (PAIVA, 2007, p. 147).

Exemplificando melhor sua proposta Raquel Paiva (2007, p.147) reafirma que:

a proposição partia da evidência de que o horizonte que caracteriza a sociedade contemporânea – a falência da “política de projetos”, a descentralização do poder, a forte tônica individualista e cosmopolita – produz a busca de alternativas. E, dentre elas, a formulação de uma política gerativa, ou seja, a ênfase nas ações práticas do cotidiano e da localidade, já que o modelo neoliberal produziu um Estado mínimo, praticamente incapaz de atuar no que até então se entendia como do âmbito de suas próprias e intransferíveis atuações, a exemplo da saúde, educação, habitação, segurança, etc. Com a comunidade gerativa se propunha uma ação em resposta ao atomismo social e à razão instrumental que definem a política centrada no mercado e no predomínio de um Estado gerencial e burocrático (PAIVA, 2007, p. 147).

A busca por alternativas, as quais possam ajudar na transformação social condiciona a força motriz que ocasiona as relações sociais, bem como a relação de vínculos dos indivíduos como práxis de comunidade. É justamente nessa busca de alternativas que possam contribuir diretamente na formação de cidadãos que os movimentos sociais atuam.

Nessa mácula, os indivíduos atuantes nesses movimentos acabam sendo calcados por inquietações de não conformismo frente ao devaneio de consumo e individualismo que marca a sociedade contemporânea. Estabelecendo uma vocação emancipatória e libertadora que perscruta uma vertente contra- hegemônica. Nessa menção, veiculando uma relação horizontal de estratégias coletivisantes.

Nesse viés, Zygmunt Bauman (2003) faz uma reflexão sobre cidadania, reverberando a necessidade de “políticas de reconhecimento” na construção democrática, pluralista e universal. Lembrando que cidadania também é intrincada às questões do desenvolvimento como mola mestra de maior participação social, maior conagraçamento entre os membros do lugar e da região.

“O teste de verdadeira humanidade universal é sua capacidade de dar espaço ao pluralismo e permitir que o pluralismo sirva à causa da humanidade – que viabilize e encoraje a discussão contínua sobre as condições compartilhadas do bem” (BAUMAN, 2003, p.126).

É nesse ambiente de participação que emerge a concepção de comunidade. Sob a ótica consensual da proliferação de ideias e ações que vise à socialização de articulações

conjuntas, as quais são idealizadas pelo sentimento de pertencimento dos membros que vivenciam essas perspectivas comunitárias:

A comunidade deve ser entendida como uma possibilidade que se realiza como decorrência da dinâmica social estabelecida por um conjunto de indivíduos que se reconhecem como construtores de um sentimento coletivo de pertencimento no interior de um grupo social (MIANI, 2006, p.05).

O sentimento de pertencimento nessa conjuntura surge como um dos principais pressupostos na configuração de comunidade de forma que os indivíduos tecem entre si o compartilhamento de experiências e percepções sobre o espaço em que atuam. Importante destacar que esse “espaço” não trata somente do ambiente de vivência do indivíduo. Uma vez que uma pessoa pode morar, trabalhar, ou desenvolver quaisquer atividades em um determinado local, mas não sentir-se pertencente a ele.

Nesse aspecto, o pertencimento a um determinado grupo ou movimento, apresenta-se como um refúgio social, frente a uma sociedade nivelada por desigualdades e exclusões sociais. “O pertencimento se reforça como estratégia simbólica de busca de inclusão ante contextos de fragmentação derivados de processos de desigualdades cada vez mais intensos” (SOUSA, 1999, p.15).

Todavia, Mauro Sousa (1999) constata ainda algumas concepções as quais apresentam-se como conexões interligadas diretamente ao sentimento de pertencimento, sendo elas: participação, identidade e cidadania. Essas três características reforçam a premissa da coletividade, inserida nos movimentos sociais.

Balizando as características apontadas acima, pode-se dispô-los de maneira linear que a participação é ligada a vertente do trabalho em conjunto, realizado por membros pertencentes a essas comunidades.

Reforçando os aspectos citados por Mauro Sousa (1999), toma-se como fundamento o que também foi exposto por Luzia Deliberador e Mariana Lopes (2011), na qual abordam uma pertinente reflexão sobre participação e cidadania:

A cidadania pode ser entendida a partir das seguintes concepções: no campo da liberdade individual, a qual abarca a liberdade, a igualdade, a locomoção e a justiça; na participação e no exercício do poder político, por meio da participação política em todos os níveis como eleições, plebiscitos, participação em órgãos de representação (sindicatos, movimentos e associações) [...] A cidadania é um conceito que varia no tempo-espaço conforme o contexto vivido, podendo ganhar diferentes significados a partir da subjetividade de quem a exerce ou é excluído dela. Contudo, uma importante característica é que a cidadania pressupõe uma

conquista popular, não se configurando como uma dádiva ou uma concessão, mas sim algo que advém da luta pelos direitos individuais, sociais e coletivos (DELIBERADOR, LOPES, 2011, p.91).

Isso quer dizer que a participação configura uma forma ampla de visão salutar em que os indivíduos ultrapassam as barreiras hegemônicas de dominação e perpetuam-se pela dinâmica concreta e eficaz de integração democrática no sistema em que estão inseridos. Trata-se de uma participação efetiva na luta por políticas públicas, as quais possam atender as reais condições de dignidade humana.

Sobretudo, advogando pela causa da chamada minoria que encontra-se a margem do espectro, mas que sobretudo atua em diversos espaços do sistema social. “É preciso lembrar que não se trata apenas da mera atuação nas brechas abandonadas pelas instituições” (PAIVA, 2003, p.06).

É nesse lastro teórico que compreende-se que o ato da participação está ligado conjuntamente ao pressuposto de cidadania. A participação é em suma a efetiva configuração de cidadania. Consolidando-se pelo empenho de cidadãos que atuam diretamente em variáveis vertentes sociais, buscando a transformação social do ambiente/espço em que se encontram.

Nessa mácula, o sentimento de pertencimento é reforçado pelo aspecto de identidade. O que perscruta que a identidade implica em um reconhecimento de si, condicionando a uma reflexão do indivíduo enquanto sujeito, de forma a realizar uma imersão em sua própria história e anseios.

Estendendo ainda essa reflexão ao ambiente em que vive e suas condicionantes sociais. “Trata-se de uma discussão destinada ao reconhecimento de si próprio, a busca por suas potencialidades, suas limitações e seus objetivos, a uma reflexão sobre si e sua história”. (DELIBERADOR, 2012, p.09).

Nesses aspectos mencionados, pode-se detectar que a concepção de comunidade está intimamente ligada a vertente de pertencimento e esse pertencimento tem ligação direta com as questões do desenvolvimento regional e, mais ainda, do desenvolvimento local.

Na interface de que os indivíduos criam relações sociais e atuam coletivamente por seus anseios e perspectivas de transformação, a partir do momento em que se sentem integrantes ativos e participativos do processo social. Isso acontece quando são impermeados pelo sentimento de pertencerem a um determinado universo social.

2 – Breve histórico da Casa Aliança, em Picos, Sertão do Piauí. Um movimento social diferente

A Casa Aliança é um projeto de caráter educativo e sociocultural desenvolvido pela Associação de Desenvolvimento Comunitário Construindo Alianças ou, simplesmente, Associação Aliança. A instituição fica localizada no bairro Parque de Exposição, um dos mais carentes da cidade de Picos, Sertão Central do Piauí (a 311 quilômetros da capital do estado, Teresina).

Fundada em julho de 1998, a Associação Aliança foi idealizada por missionários, padres e leigos veiculados à Igreja Católica Apostólica Romana vindos da Diocese de Piacenza – Itália. Sem fins lucrativos, o órgão tem colaborado na promoção humana, comunitária e até material de muitas famílias, através de diversos projetos empreendidos desde a sua fundação.

No início das ações desenvolvidas pela associação foi fundado o projeto “Direito de Brincar”, criado pela missionária italiana Daniela Marchi. Observando a necessidade que as crianças da comunidade tinham de um espaço para brincar, além da oportunidade de ocuparem seu tempo livre com atividades salutaras, a missionária, pensou num projeto que pudesse de forma preventiva atender as crianças de modo que não estivessem sujeitos às mazelas de uma vida marginalizada.

Com a ajuda de alguns colaboradores, iniciaram num espaço próprio da Paróquia São Francisco de Assis (responsável pela região do bairro Parque de Exposição) atividades lúdicas e educativas que viessem a promover um pouco mais a vida das crianças e, ainda que indiretamente, de suas famílias.

Com o aumento da demanda das crianças do bairro, o projeto haveria de ganhar uma maior dimensão física e ideológica, então, a partir dos esforços de Daniela Marchi e de diversos italianos, que através de doações, no ano de 2003 inauguram uma casa na qual as crianças e adolescentes pudessem ser melhor recebidos, de forma a conviverem mais, tendo maior acesso à perspectiva proposta pela Associação Aliança. Surgia assim a Casa Aliança.

Em sua primeira década de existência a Casa já atendeu mais de mil e duzentas crianças e adolescentes, não só residentes no bairro Parque de Exposição, mas também oriundos de outros bairros da região através do desenvolvimento de diversas atividades, em conformidade com sua missão e os objetivos atrelados à Associações Aliança.

Dentre as atividades desenvolvidas desde a sua fundação, até hoje, pode-se destacar: computação, violão, artesanato, dança, reforço escolar, teatro, bordado, comunicação,

culinária, futsal, vôlei, artes integradas e leitura. Também tem sido desenvolvida diversas palestras educativas para as crianças e os adolescentes, bem como seus familiares e a comunidade em geral, além de gincanas culturais e literárias, festas temáticas e comemorativas, colônia de férias e passeios turísticos.

A partir do seu trabalho a Casa Aliança tornou-se uma instituição ativa e reconhecida na cidade de Picos e no Sertão do Piauí, ajudando no desenvolvimento social, local e regional, criando oportunidades para crianças e adolescentes mostrarem o melhor de si.

3 – Projeto Inclusão Digital e Comunicação

Um dos projetos desenvolvido pela Casa Aliança é o de Inclusão Digital e Comunicação. É vinculado ao Projeto de Extensão Formação de Comunicadores Comunitários e Populares do Sertão do Piauí, realizado na Universidade Estadual do Piauí, campus Professor Barros Araújo, na cidade de Picos.

Uma das vertentes do projeto de extensão é a Agência de Notícia, que realiza trabalhos em seis movimentos sociais no município supracitado. A Casa Aliança é uma dessas instituições atendidas pelo projeto.

Abordando a perspectiva educacional no universo digital a partir da realização de oficinas, o projeto tem como pressuposto a conscientização da importância da comunicação como ferramenta de disseminação social dentro dos movimentos sociais.

A oficina Inclusão Digital e Comunicação teve carga horária equivalente a trinta e duas horas, divididas em quatro horas semanais, durante um período de três meses, no qual corresponde a vinte e sete de agosto à vinte e sete de novembro de dois mil e quatorze. Importante ressaltar ainda que no primeiro mês realizou-se um levantamento de informações acerca da instituição através de visitas presenciais. Tendo como propósito compreender qual oficina mais adequava-se nessa concepção inicial do projeto.

Atendendo inicialmente nove jovens da instituição, entre onze e dezessete anos de idade, a oficina tem como condicionante posterior o repasse do conhecimento adquirido durante as aulas para outros participantes aos quais são atendidos pela Casa Aliança.

Para isso, a oficina conta com o auxílio de dois voluntários, Flávio de Sousa Oliveira, acadêmico do curso de Sistema de Informação da Universidade Federal do Piauí, que atua como monitor de informática, auxiliando no manuseamento de programas computacionais; e do acadêmico de Direito, Amós de Sousa Santiago, da Universidade

Estadual do Piauí, também de Picos, que auxilia na organização de todas as ferramentas necessárias para o funcionamento da oficina, desde a organização da sala, até a distribuição de lanches para os jovens.

Reconhecendo que a comunicação é fundamental no processo educacional, decide-se também aplicar conteúdos pragmáticos voltados para a concepção comunicacional. Donde reverbera-se a abordagem temática direcionada a conscientização do espaço de vivência desses educandos e a importância de tornarem-se cidadãos críticos em uma sociedade nivelada pela circulação exacerbada de informações, que são transmitidas pelos inúmeros meios de comunicação.

4 – A interface comunicacional no movimento social Casa Aliança

Calcando as vertentes educacionais de Paulo Freire (1970), cuja tônica implica em uma educação horizontal pautada na pedagogia libertadora e emancipatória, de forma que os educandos estão no mesmo patamar que seus educadores; além de valorizar ainda o conhecimento de mundo de cada indivíduo, fugindo dos percalços da educação bancária que prisma pelo sistema pedagógico vertical, no qual prende-se ao distanciamento dentre alunos e professores, a oficina Inclusão Digital e Comunicação se idealiza nessa primazia.

A partir da integração do universo digital com a aceção comunicacional, sobretudo pela necessidade do indivíduo de integrar-se aos processos computacionais, bem como comunicacionais.

A internet nesse aspecto assume-se como meio facilitador de comunicação de maneira que as pessoas, tornam-se receptores de informações na mesma velocidade que também tornam-se transmissores da mesma.

No contexto da sociedade atual, caracterizada como sociedade da informação, há toda uma dinâmica social em busca da apropriação autônoma das tecnologias digitais e da comunicação mediada por computador (CMC). Mas, apesar do aumento progressivo do acesso à internet, grandes contingentes populacionais na América Latina ainda estão à margem dos benefícios desse ambiente comunicacional (PERUZZO, 2010, p.83).

Importante destacar a partir dessa reflexão explanada por Cicilia Peruzzo a falta de acesso de muitos indivíduos ao universo digital. É justamente nessa vertente que a oficina de Inclusão Digital e Comunicação atua colaborando no aprendizado de adolescentes que em sua maioria nunca tiveram acesso a ensinamentos computacionais e nem orientações sobre uma leitura crítica da mídia.

A oficina também se apresenta como incentivadora da criatividade desses educandos na vertente dos mesmos produzirem informações que possam agregar positivamente a comunicação do movimento social, ao qual estão inseridos. Para tanto, fez-se necessário abordar temáticas como: identificação do contexto social em que vivem; a importância da Casa Aliança para o desenvolvimento de sua comunidade; a percepção e produção de informações que possam divulgar o trabalho executado pela instituição.

Inicialmente desenvolveu-se uma explanação geral das temáticas computacionais, onde o monitor de informática Flávio Oliveira explicou os programas computacionais e a base do sistema operacional. Posteriormente os educandos realizaram treinamentos práticos sobre o manuseamento desses programas.

Após isso realizaram-se oficinas de integração comunicacional e computacional. Pode-se citar como exemplo a aplicação de oficinas de reconhecimento social, onde os jovens fizeram uma reflexão sobre o bairro em que vivem, bem como sobre seus pontos positivos e necessidades sociais e anotando-as em uma folha de papel.

A proposta foi fazer com que eles pudessem visualizar as condições sociais, culturais, econômicas e ambientais da comunidade. Logo depois cada um produziu slides sobre uma das temáticas escolhidas acima, onde apresentaram suas argumentações sobre o tema escolhido, ressaltando seus problemas, bem como o que há de bom em sua comunidade.

Essa atividade teve como objetivo afluir nos jovens a criticidade em relação ao ambiente em que habitam. Importante ressaltar que tratou-se de um momento riquíssimo de troca de experiência e conhecimento entre os adolescentes e os voluntários.

Em outro momento foi abordada a temática de identificação da importância da Casa Aliança para esses educandos, discutindo sobre a representação da instituição na vida de cada um, bem como sobre as oficinas oferecidas pelo órgão, além da importância da mesma para a comunidade.

Nesse viés, a partir das respostas obtidas nesses questionamentos pediu-se para que cada educando elaborasse um pequeno texto que pudesse agregar nessas reflexões, de forma que posteriormente cada um digitalizou seu texto e divulgou-o através da rede social, Facebook⁵. Ocorrendo assim uma interação virtual entre diversos jovens, aos quais também são atendidos pelo projeto Casa Aliança.

⁵ <https://www.facebook.com/pages/Casa-Aliança-de-Picos>

Como um dos exemplos dessa atividade, pode-se dispor o texto da educanda Ingrid Mirelly da Silva Sousa, de 12 anos de idade, integrante da oficina de Inclusão Digital e Comunicação.

A Casa Aliança é um lugar onde tem várias atividades. Para mim, ela representa um lugar onde aprendi a fazer várias coisas e conheci vários amigos. É um lugar onde me ensinaram a saber o valor que as pessoas têm. Uma das atividades que mais me identifico é a dança, pois me ensina a dançar bem. Aqui temos várias brincadeiras, como gincanas e com isso apreendemos muito. Também eles levam a gente para diversos pontos turísticos e nos ensina, inclusive, coisas do passado desses lugares que tínhamos curiosidade de saber. A Casa Aliança não é boa só para mim, mais também para todo o Bairro Parque de Exposição. Inclusive as pessoas da comunidade acham a Casa Aliança boa, pois ela ajuda as famílias, principalmente as mais carentes e ensina também as pessoas a serem alguém melhor e a respeitar os outros (SOUSA, 2014)⁶.

As atividades subseqüentes tiveram como vigência interligações entre temáticas comunicacionais, as quais abordavam perspectivas sobre redes sociais, divulgação das oficinas da Casa Aliança, veículos de comunicação e outros. Sempre ligado ao manuseio de programas computacionais como: Word, Powerpoint, Excel, Paint e Prezi.

A ideia é que com a continuidade da oficina, possa-se realizar um maior aprofundamento sobre a Casa Aliança e a comunidade do bairro Parque de Exposição, em Picos, Sertão do Piauí. Nesse sentido, trabalhando a acepção comunicacional das crianças e adolescentes atendidos pelo projeto.

Implantando ações de conscientização cidadã, tendo como propósito final fazer com que esses educandos sejam responsáveis por divulgar e incentivar o próprio trabalho do movimento social. Fazendo com que a instituição ganhe maior visibilidade no município e dessa forma possa reverberar mais pessoas ao voluntariado.

Importante, no entanto, destacar que trata-se de um trabalho ainda em desenvolvimento e que para chegar de fato a uma demanda concreta de ações comunicacionais congruentes e uma harmonização comunicacional dentro dos movimentos sociais, há ainda de fato um longo caminho a percorrer.

Todos esses esforços são mais que importantes para se trazer o desenvolvimento regional e local a essa região e, principalmente, àquela comunidade tão silenciada muitas vezes pelas atenções dos poderes públicos e até dos meios de Comunicação Social propriamente ditos.

⁶ Entrevista concedida a Hosana Tenório em 17 de dezembro de 2014.

Considerações Finais

Os movimentos sociais são instituições que trabalham a perspectiva de desenvolvimento e formação cidadã de forma a apresentarem-se como uma alternativa para a aplicação de projetos de cunho social. Esse desenvolvimento também é sentido em uma perspectiva regional e também em perspectiva local.

A regionalidade é premente no sentido de ser emblemático para instigar outras instituições e também congruar as áreas de atuação.

A localidade é premente por ser nela, também na comunidade (ou quando as duas são os mesmos espaços sociais e comunicacionais) no sentido de trazer mais alto estima, mais interligação e mais cidadania.

A oficina Inclusão Digital e Comunicação destaca nesse sentido a importância de se trabalhar a comunicação e a inclusão digital na formação educacional das pessoas, principalmente jovens em situação de risco em um dos bairros mais socialmente vulneráveis na cidade mais socialmente complicada do Sertão Central do Piauí.

Uma das provas é que esse trabalho termina proporcionando uma vertente riquíssima de troca de conhecimento e experiências comunicacionais, entre os adolescentes atendidos pela Casa Aliança e os voluntários da oficina, onde a partir do desenvolvimento de assuntos relacionados a comunicação e à informática, cria-se um conglomerado de ideias e reflexões, trazendo lições prementes e um circuito de cidadania e desenvolvimento.

Colocando em prática uma educação horizontal que valoriza a criatividade e o talento de cada indivíduo bem como a conscientização de seu papel no agregado social. Sobretudo na percepção do trabalho em comunidade, cujo compartilhamento do sentimento de pertencimento atrela-se a reverberação de identidade dos indivíduos que compõem e participam ativamente desses movimentos.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

DELIBERADOR, Luzia Mitsue Yamashita. **Importância de Oficinas para estimular a criticidade e a criatividade dos jovens na prática de mídia educação objetivando uma formação cidadã**. 2012. Disponível em: <http://www.espm.br/download/Anais_Comunicon_2012/comunicon/gts/gtsete/DELIBERADOR.pdf>. Acesso em: 03 de março de 2015.

DELIBERADOR, Luzia Mitsue Yamashita; LOPES, Mariana Ferreira. **A comunicação comunitária na contramão da cidadania: o caso da Rádio São Francisco FM**. 2011. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/2531/2757>>. Acesso em: 07 de março de 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

MIANI, Rozinaldo Antonio. **Comunicação comunitária: uma alternativa política ao monopólio midiático**. 2006. Disponível em: <http://www.eptic.com.br/ulepicc_brasil/arquivos/cc_rozinaldo.pdf>. Acesso em: 02 de maio de 2015.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Comunidades em Tempos de Redes**. *IN*: COGO, Denise; KAPLUN, Gabriel; PERUZZO, Cicilia. *Comunicación y movimientos populares*. Porto Alegre: Unisinos, 2002.

_____. **Desafios da Comunicação Popular e Comunitária na Cibercultura@: Aproximação à proposta de Comunidade Emergente de Conhecimento Local**. 2010. Disponível em: <<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/488/285>>. Acesso em: 27 de março de 2015.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling; VOLPATO, Marcelo de Oliveira. **Conceitos de comunidade, local e região: inter-relações e diferença**. São Paulo: Revista do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero, v.12, n.24, p.139-152, 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/viewFile/6790/6132>>. Acesso em: 30 de maio de 2015.

PAIVA, Raquel. **Para reinterpretar a comunicação comunitária**. *IN*: PAIVA, Raquel (org.). *O retorno da comunidade: os novos caminhos do social*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

_____. **Políticas de Minorias: Comunidade e Cidadania**. 2003. Disponível em: <<http://www.labcom.ubi.pt/files/agoranet/03/paiva-raquel-politica-de-minorias.pdf>>. Acesso em: 02 de maio de 2015.

SOUSA, Mauro Wilton. **Recepção Mediática: Linguagem de Pertencimento**. São Paulo: Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, v.2, nº2, p.1-12, 1999. Disponível em: <<http://alaic.net/revistaalaic/index.php/alaic/article/download/127/130>>. Acesso em: 07 de maio de 2015.